

ESTUDOS CANIBAIS: PARA ALÉM DA IDENTIFICAÇÃO EM LACAN

ANDREW OLIVEIRA DE OLIVEIRA¹; RICARDO AZEVEDO DA SILVA²

¹Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) – andrew.oliveira@sou.ucpel.edu.br

²Universidade Católica de Pelotas (UCPEL) – ricardo.silva@ucpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

*Deve renunciar à prática da psicanálise todo analista que não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época.
Jacques Lacan (1998, p.321)*

Estão os atuais estudiosos da psicanálise fazendo uma anatomia dos conceitos por eles empregados, ou apenas reproduzindo aquilo que foi categoricamente desenvolvido no tempo em que foram escritos? A racionalidade de uma época é determinante para o delineamento de novas ideias, ou mesmo para revisar os termos com os quais estamos negociando. Interpretar o nosso tempo sem cogitar as inscrições ideológicas em que estamos implicados é viver uma temporalidade sem contabilizar a emergência do sujeito à nossa frente.

Os processos identificatórios são capazes de realizar a correspondência que existe entre corpo e sujeito; também pelo percurso de concepção de uma identidade, inclinando o sujeito à manifestações identitárias através do contexto pelo qual é interpelado. Para Lacan (2003), o significante é o suporte do sujeito, representando-o, sem esse não há como se conceber uma identidade, pois ela se dá a nível de uma identificação significativa junto de uma carga afetiva. Isso não quer dizer que sujeito e identidade sejam correspondentes, muito pelo contrário, a identidade surge para o sujeito como um horizonte possível a partir do significante. Ao ser incluído no registro simbólico, o campo da linguagem, o ser na infância começa a manusear a língua e as palavras de um dado encadeamento, isso o faz pleitear significantes para conceber uma identidade. Esses termos são oriundos do Grande Outro — a alteridade, o tesouro dos significantes —, fazendo o sujeito se alienar cada vez mais a esse dispositivo onipotente e onipresente que tangencia nossas vidas (LACAN, 2008).

A identificação significativa é o movimento inconsciente que o sujeito faz de se apropriar dos termos oriundos do seu meio. Lacan (2003) irá apontar que o sujeito se identifica com os significantes que irão constituir a sua identidade, abrindo mão daqueles que não farão o mesmo. Essa lógica parece insuficiente para explicar algumas subjetividades alienadas às formas de se expressar e de performar que vão contra aquilo que há de mais distinto em um âmagô, a dizer: a identidade. Se esta está aberta ao encadeamento afetivo para identificar-se, não apenas os objetos de amor, como é pensado por Lacan, seriam passíveis de identificação, mas também aqueles que causam repulsa, ódio, vergonha, constrangimento e estranhamento, visto que se fazer ser representado por uma identidade é também uma tática de sobrevivência ou resistência diante de certas partilhas sociais ou impasses relacionais com o Outro.

Dessa forma, é preciso pensar a identificação para além do significante em sua carga afetiva para concepção de uma identidade, deve-se considerar que mesmo antes do nascimento, ou da descoberta de um novo ser, ele já está implicado em uma rede histórica e material de significantes. Essa trama canibaliza o ser e o faz se identificar em vida com termos que ele irá canibalizar e fantasiar serem oriundos de sua interioridade, como se não tivessem sido impostos a ele em uma conjuntura normativa. O laço social, portanto, tem de ser reimaginado como um campo de ontologias canibais, todas referidas ao Outro, por excelência, a goela do mundo, fazendo que os sujeitos vejam uns aos outros como uma outridade sem personalidade. Logo, coisifica-se e nadifica-se o semelhante na tentativa de ser a representação originária do traço unário, o suporte do significante.

Em vista disso, o trabalho em questão procura delinear novas formas de se compreender os processos identificatórios à luz da psicanálise lacaniana. Far-se-á um circuito teórico onde oposições e convergências ao pensamento desse teórico serão efetuadas a partir do prisma do canibalismo, termo que é repensado para além do cenário de barbaridades ao qual é remetido. Para isso, o uso de ontologias canibais será ilustrado a partir da sexualidade e do gênero, sendo essas instâncias da identidade o aporte representativo de tal locução

2. METODOLOGIA

O presente escrito foi realizado no formato de um ensaio teórico. Pensando nisso, debruça-se sobre a teoria psicanalítica de orientação lacaniana, principalmente no Seminário 9, A identificação, por encontrar nele um diálogo sobre o tema abordado. Também faz-se uso de uma compreensão dialética ao passo em que se entende o sujeito como um núcleo de ambiguidades que não corresponde unificadamente a uma identidade, sendo necessário inclinar-se continuamente para um movimento de transformação, seja das ideias ou da própria realidade.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todo encontro entre indivíduos é demarcado pela disputa por reconhecimento, pois uma cena de enunciação é estabelecida quando endereçamos nosso discurso ao outro. As relações se dão por meio da identificação significativa com o ideal de ser reconhecido, visto e escutado, ter a sua identidade narrada para além da reificação normativa. O desejo em sua fundamentação é desejo por reconhecimento (HEGEL, 2014).

Qualquer indivíduo antes da sua concepção é narrado pelos outros, sem que este tenha chances de corresponder ou não a algum nome. Mesmo o infante não pode recusar-se a responder pelo chamado que fazem de si por meio da palavra que lhe designa. Mesmo em períodos anteriores ao nascimento o ser é implicado em uma rede de significantes que ainda não lhe dizem respeito, ele é canibalizado por essa trama desejante, ela anseia a sua forma mesmo antes do sujeito se aperceber de si. O sujeito é efeito de um canibalismo pré-ontológico, ele é constituído por uma ideia abstrata a ele, com a qual ele é forçado a se identificar em primeiro momento, mesmo isso lhe causando repulsa. Essa identificação forçada o faz canibalizar a representação que fizeram dele, mesmo que esta não corresponda a sua interioridade, logo, aos aspectos de uma identidade em vertigem. Podemos localizar esse fenômeno nos corpos trans, os significantes

utilizados para narrá-los “não captam o corpo a que se referem” (BUTLER, 2015, p. 54). A teoria da identidade, do “idêntico a si” é refutada pela psicanálise, porém, ela ainda se equilibra sobre a convicção abstrata de que o sujeito identifica-se reciprocamente com aquilo que o significante lhe sugere, quando vivências de gênero e sexuais provam o contrário. A identificação e a identidade consistem também naquilo que o sujeito deve recalcar, fazendo-o mediar o impasse diante da diferença por não saber que imagem ou nome lhe traduzem em essência, resultando na canibalização de ontologias incompatíveis com a experiência individual, sendo essa “individualidade” um efeito do social, do comum.

Nota-se que por meio da iterabilidade são produzidas novas formas de uma mesma identidade, quando analisamos o contexto e os significantes implicados na complexa trama de compreensão e apreensão desejante. A identidade do sujeito atinge uma atualidade inalcançável de uma quase-totalidade coerente referente a causa elíptica da repetição (BUTLER, 2008). Para alguns deve-se ter na cadeia significante certa equivalência nos termos que resultarão na identificação. Isso pouco explica como pessoas LGBTQIAPN+ reproduzem um discurso de ódio que muitas vezes renuncia sua própria segurança, vulnerabilizando as possibilidades de resistência e sobrevivência. A teoria da identidade e hipóteses acerca da identificação na psicanálise são insuficientes para se compreender a formação da identidade, pois ainda flerta com a condição de totalidade, identifica-se ou não, como se o sujeito tivesse escolha em relação às identificações que sequestram a sua subjetividade.

A submissão do sujeito à linguagem é constitutiva frente a sua relação durante a infância com o Outro, sendo ele configurado muitas vezes pelo agente que coloca em ação a função terceira. Esse encontro plantea o desenvolvimento do inconsciente e a configuração do Eu. É ao direcionarem ao *infans* a fala que este neonato pode antecipar-se subjetivamente, acionando a adoção de uma posição correspondente aos domínios da linguagem que irão lhe alienar. Aqui fica manifesto que o olhar dirigido ao organismo implementa no mesmo o comparecimento de sua primeira assinatura frente ao Outro. Quando um corpo expressa uma sexualidade ou gênero oposto ao esperado pelas leis implícitas de sociabilidade ele é excluído e ridicularizado. Para evitar esse destino muitos sujeitos canibalizam termos que não fazem referência ao seu âmago, performando vivências alheias a sua identidade, para de alguma forma manterem-se no liame social sem serem desprezados. O paradoxo desse movimento é que para manter essa máscara o próprio sujeito deve desprezar aquilo que fundamenta e estrutura a sua individualidade parcial, abrindo mão do seu desejo por reconhecimento, pois o mesmo não tem coragem para confrontar a sua interioridade.

O significante quando canibalizado pelo sujeito pode ter inúmeros destinos. A ausência dele é a aniquilação instantânea do sujeito, o seu desejo por singularidade também, pois define sistematicamente o encontro com o outro, acontecimento indispensável para uma nova forma de viver que subverta as estereotipias da normatividade. Ao desejar, o sujeito faz isso pela via do outro, “o desejo humano está inteiro exposto, no sentido mais profundo do termo, ao desejo do outro” (LACAN, 2009, p. 288), é no momento especular que o eixo de uma imagem pode ser identificada, é pelos olhos de quem se ama ou se detesta que o Eu percebe o mundo e a si (CHEMAMA, 1995). Logo, o sujeito é consequência dos inúmeros abandonos contornados pelos traços que ele canibaliza para idealizar uma identidade, pois em um momento acredita ser algo

que logo a frente irá declinar. O sujeito neste jogo deve oferecer-se às possibilidades do registro simbólico para circular na linguagem mesmo quando esta o transpõe, devorando-o.

4. CONCLUSÕES

Antes de nascermos já somos canibalizados pelo grande Outro, reproduzimos ao longo do tempo o que outros seres falam sobre nós. Devoramos insaciavelmente as realidades que estão ao nosso alcance, consumimos as injunções abstratas de uma personalidade estrangeira a nossa, para o processo de formação da sujeidade seja legitimada e amparada pelos ditames da civilização. Com isso, a conceitualização do canibalismo quando fazemos uma anatomia conceitual da teoria da identificação na psicanálise torna-se interessante para pensar a identidade na atualidade, assim como pensar o laço social, onde os vínculos são estabelecidos a partir dos significantes que consumimos a partir da imagem e da linguagem do outro.

Antes do nome do sujeito sugerir uma promessa ele já é devorado imaginariamente pela goela da civilização. O homem não está e não pode ser pensado de maneira isolada, a sua ontologia é uma mutação e efeito dos interstícios de uma linguagem em fragmentos, a sua identificação carrega em sua definição processos mais arcaicos, anteriores a sua existência. A sexualidade e a expressão de gênero são intrinsecamente afetadas pela racionalidade da contemporaneidade. Sujeitos que não contemplam a performance de uma vida normativa se veem canibalizados culturalmente pelo processo de adormecimento identitário. Outra possibilidade é a subversão da lógica ao canibalizarem os termos que irão reforçar sua identidade e direcioná-los para os domínios do amor, onde o vínculo social reforça a expressão de identidades ditas ininteligíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2008.
- BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: Crítica da violência ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- CHEMAMA, R. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995.
- HEGEL, G. **Fenomenologia do Espírito**. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.
- LACAN, J. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise [1953]. In: LACAN, J. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, p.229-337.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 1 – Os escritos técnicos de Freud [1953-54]**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- LACAN, J. **O seminário, livro 9 – A identificação [1961-62]**. Inédito. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife, 2003.
- LACAN, J. **O seminário, livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise [1964]**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.